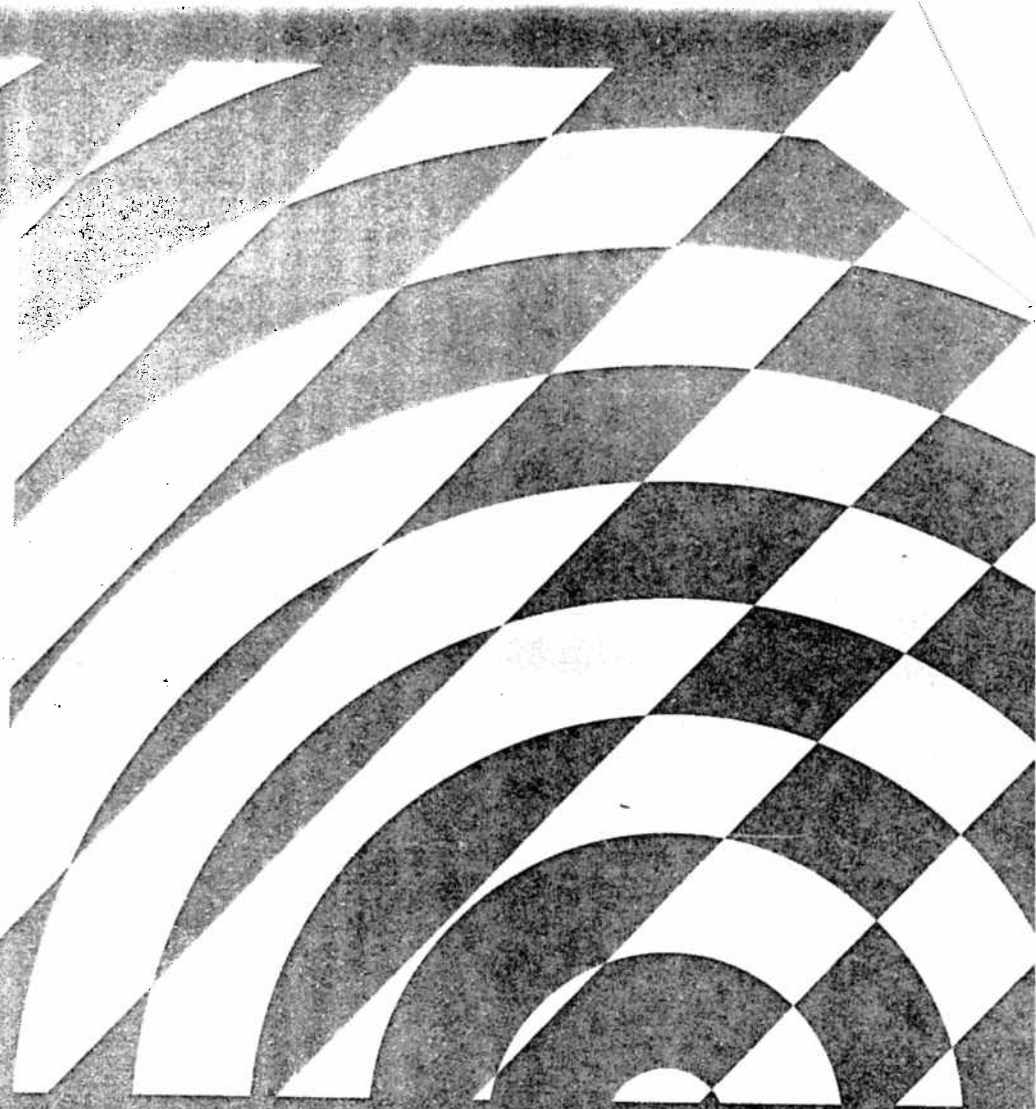


BRASIL PERSPECTIVA DA SISTÊMICA

PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO DE TERAPIA DE SISTEMAS



ISSN 0104-7841

NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA



INSTITUTO
DE TERAPIA
DE FAMILIA RJ

JULHO 1998 ANO VII NÚMERO 11

EDITORIAL	4
Rosana Rapizo	
EDUCAÇÃO E TERAPIA EM FRONTEIRAS CULTURAIS: POR PRÁTICAS SOCIAIS CRÍTICAS NOS SERVIÇOS HUMANOS	6
Marcelo Pakman	
ESTANTE DE LIVROS	21
Eloisa Vidal Rosas	
METÁFORAS DE TRANSFORMAÇÃO NOS FINAIS DO SÉCULO	23
Saúl I. Fuks	
SALA DE CINEMA	35
Maria Helena de Oliveira Pinheiro	
VIDA, PAIXÃO E MORTE: OS MARCOVALDO	39
Juana Gerardi	
ESCREVENDO NA TERAPIA: UMA ABORDAGEM PARTICIPATIVA	45
Gonzalo Bacigalupe	
CALENDÁRIO	56
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS	57

ESCREVENDO NA TERAPIA: UMA

ABORDAGEM PARTICIPATIVA*

GONZALO BACIGALUPE**

Professor Assistente do Departamento de Psicologia e Aconselhamento da Escola de Graduação em Educação, Universidade de Massachusetts, Boston, EUA

RESUMO

Este artigo explora o potencial de escrever **com** ao invés de **para** ou **sobre** os clientes, uma abordagem que pode promover novas respostas para os dilemas dos clientes em face de discriminações institucionais, culturais, étnicas, de classe ou gênero. Uma revisão seletiva da literatura sobre escrever em terapia e vinhetas de meu próprio trabalho em uma clínica comunitária de saúde mental apoiam esta reflexão. Algumas implicações para o treinamento de terapeutas também são consideradas.

ABSTRACT

This paper explores the potential of writing **with** rather than **to** or **about** clients, an approach which may foster new responses to clients' dilemmas in the face of institutional, cultural, ethnic, class and gender discrimination. A selective review of literature and vignettes from my own work in a community mental health clinic support this enquiry. Some implications for training are also addressed.

Cada um de meus trabalhos é parte de minha biografia.¹

Escrever também foi importante na cultura de cuidar de si mesmo. Um dos principais aspectos de cuidar envolve tomar notas sobre si mesmo para serem re-lidas: escrever ensaios e cartas para amigos para ajudá-los, e conservar cadernos de anotações para reativar

*Publicado originalmente no Journal of Family Therapy, 18(4), 1996, copyright © Blackwell Publishers Ltd. em benefício da Association of Family Therapy. Traduzido do inglês por Rosana Ramizo

**100 Morrissey Blvd., Boston, MA, 02125-3393, USA
E-mail: ba:igalupe@umbksy.cc.edu

para si mesmo as verdades que são necessárias. As cartas de Sócrates são um exemplo deste exercício.⁷

A escrita e o texto escrito constituem e moldam efetivamente nossas vidas, definindo nossas identidades e posição no contexto social mais amplo.^{3,4,5} Neste artigo, inicialmente, revisarei exemplos da literatura da terapia de família que utilizam a escrita como comunicação de terapeutas para clientes. Considerarei, então, exemplos da literatura e de meu próprio trabalho que enfatizam a escrita como uma atividade conjunta entre terapeuta e cliente. Finalmente, eu proponho algumas questões sobre o escrever que podem ser úteis quando feitas para alunos e colegas em supervisão.

Escrever **sobre** clientes, a forma mais extensa de escrita nas profissões clínicas, introduz a noção de como definimos clientes, terapeutas e as relações entre eles no contexto de relações de poder. As vozes dos clientes, nos relatos escritos dos terapeutas, estão frequentemente ausentes ou filtradas pela linguagem acadêmica e pelo discurso profissional. Este também é o caso neste artigo; o autor escreve sobre os clientes, terapeutas e sobre fazer terapia, para comunicar-se com outros terapeutas, usando uma linguagem que pode ser estrangeira para muitos clientes.

A discussão sobre escrever na terapia é também relevante para questões sobre justiça social nos contextos terapêuticos (por exemplo, terapeutas trabalhando com famílias de grupos minoritários). Trabalhar em uma clínica comunitária de saúde mental pode desafiar os terapeutas com questões sobre desigualdades de gênero e racismo institucionalizados e valores culturais étnicos e de classe social em

evolução. Eu proponho que algumas destas questões podem tornar-se mais visíveis na prática clínica propiciando processos terapêuticos colaborativos tais como escrever **com** os clientes.

O encontro terapêutico, incluindo o escrever colaborativo, acontece no contexto de relações sociais mais amplas. A terapia pode re-criar as mesmas relações sociais que existem 'fora' do contexto terapêutico. Embora como terapeutas tentemos ser 'neutros', trazemos nossos valores particulares e posicionamento na sociedade para a sessão. O que discutimos e escrevemos está influenciado por nossa idade, gênero, raça, classe social e por nossa posição de sermos, muitas vezes, estrangeiros no mundo dos **clientes**. A respeito disto, terapeutas sistêmicos pós-modernos^{6,7} reconheceram o encontro entre terapeutas e clientes como aquele entre o nativo e o etnólogo no trabalho de campo antropológico.³ No entanto, terapeutas de família pós-modernos frequentemente descrevem clientes e terapeutas como participantes iguais no processo de contar histórias durante a conversação terapêutica como se, ao entrar na terapia, todos se tornassem co-participantes iguais na criação de histórias. A meu ver, isto confunde a meta lúcuva da igualdade com a realidade dos encontros terapêuticos nos quais relações sociais injustas podem ser reproduzidas.

ESCREVER PARA CLIENTES

Comunicações escritas na terapia de família têm sido, tradicionalmente, do terapeuta para o cliente e têm sido usadas para uma variedade de propósitos tais como engajar membros da família ausentes, reconhecer a

presença na terapia, focalizar a atenção do cliente e esclarecer diretivas⁸, prescrever injunções paradoxais⁹, interromper "o caos externo da vida cotidiana"¹⁰, comunicar pensamentos pós-sessão ou a compreensão do problema por parte da equipe¹¹, resumir novos eventos¹², promover mudança na direção das metas dos clientes¹³, modificar as regras do sistema "através da redefinição do sintoma como preferível aos resultados terapêuticos"¹⁴, e terminar o tratamento¹⁵. Lown and Britton¹⁰ sugerem que escrever cartas é uma forma efetiva de vinculação com a família e de "organização do tratamento, capacitando o terapeuta a manter o sentido de controle e criar novas aberturas em um sistema de outro modo empacado".

Estes autores enfatizam frequentemente o papel do terapeuta de escrever para orientar o cliente em direções específicas que o terapeuta considera relevantes. É uma forma de escrever que dedica pouca atenção ao engajamento ativo dos clientes em qualquer relato escrito com propósito terapêutico e coloca o terapeuta mais no controle das idéias e soluções.

ESCREVENDO COM OS CLIENTES

Escrever **com** os clientes destina-se a encorajar a participação na terapia. Por exemplo Kahn and Kahn¹⁶ encorajaram adolescentes a escrever seus próprios livros e então atravessar o processo terapêutico tornando-se 'especialistas' em sua 'área problemática', tal como a morte de um irmão. No mesmo viés, Epston¹⁷ incentivou uma cliente a escrever um capítulo sobre sua infância em um lar assistido para aconselhar profissionais do bem estar social. Este formato participativo desafia as fronteiras entre

conhecimento 'especializado' e conhecimento 'local'. Tornando o cliente um 'especialista' nele mesmo. Os terapeutas podem também pedir aos membros da família para escreverem uns para os outros, enfatizando o processo interativo e participativo fora das sessões. Rudes¹⁸, por exemplo, pediu a um casal que escrevesse cartas um para o outro para ajudá-los a refletir sobre seu problema sexual sem caírem em suas dificuldades habituais de comunicação. As cartas modificaram a pontuação das trocas interacionais usuais dos participantes. Assim escrever cartas "pode ajudar casais que sintonizam-se demais com o não dito e que experimentam sua relação como imutável e mutuamente insatisfatória".

Poucos autores tem relatado clientes escrevendo para terapeutas. Alguns tem pedido a seus clientes que "observem e tomem nota de forma que possam contar na próxima sessão"¹³. O objetivo aqui foi buscar exceções para as descrições que os clientes fazem do problema. Estes autores podem, contudo, ser mais abertos para os múltiplos sentidos de um texto para os clientes, e terapeutas podem estar menos preocupados sobre orientar os clientes em uma direção específica e assim encorajá-los a um formato mais reflexivo. Este último formato é mais explícito nas abordagens narrativas. Terapeutas narrativos usam cartas para "privilegiar a experiência, [para] encorajar uma percepção do mundo como em trans-formação [e para] incentivar uma postura reflexiva"¹⁵. Um terapeuta narrativo tornaria, então, as cartas parte de um contexto no qual cada participante constitui-se em co-autor das histórias contadas tanto dentro como fora da terapia.

Similarmente, Fox¹⁹ defende uma terapia que envolva escrever sobre eventos da vida

da pessoa e construir uma relato da história de vida colaborativamente. Biografia, neste caso, é a visão de alguém sobre sua própria história²⁰. O terapeuta e o cliente, ao re-criar o passado em palavras escritas, tornam-se criadores de padrões, ao invés de descobridores de padrões. O poder deste processo pode também estar baseado em quanto esforço é feito para tornar o processo de escrever um processo aberto. A este respeito, compartilhar relatos dos casos dos clientes para revisão tem sido considerado como gerador de relações mais colaborativas entre profissionais e clientes²¹. Penn e Frankfort²² definem os textos escritos que emergem durante o processo terapêutico como 'textos participativos' compostos de 'vozes da família e dos terapeutas'. Escrever como parte das conversações terapêuticas suscita um processo e promove a exploração de múltiplos significados. Penn e Frankfort acreditam que os significados tornados visíveis durante o processo terapêutico podem ser expandidos e expressados através da escrita. De modo similar, Wood²³ propôs escrever cartas e contar histórias para a criança, em benefício de uma pessoa imaginária que representa o papel de co-terapeuta, para entender efetivamente a visão própria da criança.

Escrever com clientes pode criar um enquadre no qual cliente e terapeuta podem colaborar mais ativamente. Uma técnica que se provou útil em meu trabalho é rever e escrever notas de progresso com clientes. Notas de progresso incluem um relato sobre a conversa, avaliação de conquistas, as reflexões ou perguntas do terapeuta que não foram úteis, uma avaliação do que gostaríamos conquistar a seguir, questões que os clientes gostariam de abordar, etc. Quando

os procedimentos escritos tornam-se parte das atividades terapêuticas, o cliente pode ter mais oportunidades de tomar uma posição ativa na terapia. Em um estudo sobre o impacto do envolvimento do cliente no registro dos casos, Badding²⁴ encontrou que a prática dos profissionais e clínicos melhorava se os clientes envolviam-se no registro dos casos; ajudava-os a fazer mais sentido sobre suas vidas, eles envolviam-se mais e sentiam-se mais no controle do processo.

Agora, descreverei alguns exemplos da utilidade de escrever com os clientes em uma clínica comunitária de saúde mental.

1. Uma carta para o diretor

Uma terapeuta que eu supervisionei trabalhava com um menino de 14 anos que foi encaminhado por atitudes rudes e desafiantes na sala de aula. Depois de algumas sessões com ele e um considerável número de consultas com os professores da escola, a conduta do menino não havia mudado e ele não estava envolvido com a terapia. Eu sugeri que a terapeuta falasse com o menino sobre questões de sistemas mais amplos e mais tarde escrevesse o que ele havia dito. A terapeuta sugeriu durante a sessão seguinte que ela e o menino escrevessem uma carta (um 'memorandum') para o diretor. Na sessão posterior, o menino começou a falar sobre as condições injustas de sua escola. Os comentários foram gravados pela terapeuta e os dois juntos trabalharam mais tarde na transcrição e edição.

Eu apenas queria que as pessoas soubessem... como é ir a uma escola onde os professores e os alunos tem que sofrer porque a Cidade não acha que vale a pena termos o

que outras cidades tem. Muitas crianças tem tido problemas, os professores pensam que elas são preguiçosas, mas nunca param para pensar que estamos entediados...por que ninguém fica estimulado ao nos ensinar. Tudo o que tenho visto é um monte de professores loucos. As pessoas dizem-me que eles ficam loucos porque trabalham demais e ninguém cuida da educação, especialmente para os Latinos...muitos meninos levam a culpa do que acontece nas escolas....todos deveriam saber que eu não sou burro, eu estou entediado. e não tenho problemas em casa.

O diretor concordou com os comentários da carta e a credibilidade do menino aumentou (embora ele não tenha aprovado o desejo do menino e do terapeuta de mandar a carta para o jornal). Coincidentemente, uma verba federal aumentou os recursos da escola. Como resultado a escola pôde reiniciar as atividades extracurriculares, inclusive os esportes, de forma que a vida na escola tornou-se menos monótona e mais interessante, e o menino desenvolveu uma atitude mais positiva em relação à escola. O sentimento de eficácia do menino mudou na medida em que ele viu as possibilidades de usar a linguagem escrita para a comunicação com outros e para documentar sua realidade. Escrever pode ter promovido outra forma de contar para os outros o que ele sentia e como o contexto mais amplo pode ser responsável pelo que adultos poderosos constroem como um desvio individual.

Este exemplo ilumina as dificuldades potenciais de trabalhar com clientes que têm uma habilidade de escrever 'limitada' e que podem ter dificuldades em se engajar no processo de documentar suas vidas. O terapeuta precisa, então, perguntar-se o

quanto as cartas refletem as idéias do terapeuta mais do que as do cliente. Neste caso particular, para diminuir este risco, o terapeuta sugeriu que o menino gravasse algumas idéias por si mesmo depois de um dia difícil na escola. Mesmo que o texto pareça 'descontínuo, esquisito e inacabado', estas características podem indicar áreas férteis para novas explorações²⁵.

Outra dimensão relevante é o momento das decisões do cliente de tornar pública sua história. Esta questão necessita atenção cuidadosa, de forma que, por exemplo, possamos prevenir uma intervenção muito precoce que aliene os participantes do problema apresentado. Isto é especialmente relevante quando a história do cliente é sobre um evento traumático e a segurança é o mais importante. No caso acima, questões de sobre o momento de tornar pública a carta foram cuidadosamente avaliadas levando em conta o risco da criança ser expulsa da escola como resultado de escrever o memorando.

2. *Um último capítulo*

Pedi a uma de minhas clientes que escrevesse o último capítulo do primeiro volume de suas memórias'. Quando sugeri a ela esta idéia, não sugeri diretamente a noção de um passado reconstruído ou de um futuro desejado; a tarefa era ambígua, deixando que ela decidisse o conteúdo e sua intenção. Ela estava em processo de recuperação de alcoolismo e lidando dolorosa, porém firmemente com lembranças de incesto. Seu passado era cheio de eventos traumáticos: a morte de seu marido, a morte de seu filho mais velho num

* N.T. - do original "timing".

acidente relacionado com uma 'gang', uma longa história de vitimização pelos homens e a frustração de ter tido uma filha que não pôde criar, porque era muito jovem para tomar conta dela. Seu último capítulo incluía uma história sobre cuidar de seus dois filhos, que estavam morando no momento em um lar substituto. Estar sozinha neste momento de sua vida com alguém tomando conta de seus filhos foi construído por ela positivamente, permitindo-lhe estar preocupada em cuidar de si mesma. Já que os pais substitutos estavam conscientes do fato de serem cuidadores temporários, isto facilitou uma revisão na terapia de como ser cuidada, quem poderia cuidar de seus filhos temporariamente e mudou estereótipos sociais negativos sobre pais substitutos. Esperar proporcionou um diálogo interno com mesma no qual ela valorizou a possibilidade de ser cuidada versus a de ser a única cuidadora. Assim, os pais substitutos foram descritos em sua história como adultos que apoiariam de forma que ela não precisasse apoiar-se em seus filhos para se proteger. Esta é uma passagem do que escreveu:

Finalmente consertei aquele buraco na parede do quarto do meu filho. Acho que agora eu sei que posso fazer algumas coisas por eles...bem, como não beber...agora quando me sinto só eu visito três, quatro ou cinco grupos [encontros do AA]...posso conseguir com eles a companhia que só estava encontrando em meus filhos...encontrei alguns amigos lá também.

Coincidente com estes escritos, a cliente começou a entrar em contato com suas irmãs e cunhados que ela não via há anos, contatos que lhe permitiram ver a si mesma como parte de uma rede de membros de

uma família e de mulheres sobreviventes também afetadas por traumas, embora elas tenham lidado com isso de uma forma menos destrutiva. O exercício de escrever tornou-se uma espécie de diário, embora eu continuasse lembrando a ela que isto era parte de um capítulo inacabado de um livro, enfatizando os aspectos em evolução de contar histórias e as experiências atuais. A seguir está um extrato de seu trabalho:

Ontem voltei do Maine, visitei-as [as duas irmãs], e tivemos um fim de semana maravilhoso...elas contaram, bem, eu também, tudo sobre aquilo, meu pai entrando em nossos quartos à noite...nós não conversávamos aquelas noites...mas fechávamos as portas o mais firmemente que podíamos...Existia um silêncio perpetuamente massacrante, sufocante e atordoante. O silêncio para o mundo de fora dizia: 'Olhe, nós não temos problemas'. O silêncio era para os membros da família e gritava NÃO FALEM. Todas lembravam isto e pela primeira vez, em um longo tempo, nós falamos sobre isso!...Elas me falaram sobre sentir saudades minhas por todo este tempo....e sobre ter uma reunião com todas as meninas no próximo verão...na foto estamos naquela casa nova [ela inseriu uma foto] e eu deixei uma foto minha no lugar onde dormi...Agora estou planejando uma visita a Connecticut e mais tarde a Nova Iorque...Agora que posso encará-las, de novo tenho um lugar lá...Algum dia elas terão um aqui também.

Ela escreveu sobre sua família de origem de uma forma que nunca tinha sido capaz de fazer antes, redefiniu o passado de suas irmãs sob uma luz diferente e no contexto de um presente cheio de esperança. Seus escritos provavelmente refletiram algo do trabalho feito

na terapia. Como Meizger²⁷ escreve, "quando escrevemos sobre nós mesmos ou sobre um acontecimento que conhecemos bem, algumas vezes sentimos que a história está indo para algum lugar diferente...que está tomando uma direção que nunca esperamos". Para esta cliente, sua história traumática, tomou uma direção que focalizava como poderia reconstruí-la de uma forma nova. Por exemplo, ela mais tarde escreveu um penúltimo capítulo para o primeiro volume que ajudou-a a redefinir situações difíceis à luz dos eventos traumáticos anteriores. Também foi capaz de aprender estas situações, em parte porque aprendeu novas habilidades de organização através de escrever. Por exemplo, em uma sessão eu sugeri a possibilidade de delinear um ritual para marcar a volta de seus filhos para casa. Na sessão seguinte ela anunciou que tinha convidado a mãe substituta para almoçar em casa durante a visita de fim de semana das crianças. Neste almoço ela perguntou à mãe substituta sobre idéias para o ritual e convidou-a para a próxima sessão de terapia.

Escrever, para esta cliente, proporcionou uma forma gentil de conexão com memórias traumáticas ligando-as com os desafios presentes de sua vida. Como escreveram os terapeutas narrativos, narrativas podem ser ancoradas no passado, no presente ou em projetos e expectativas futuras. A este respeito Parry²⁸ pediu a seus clientes para escreverem ou "narrarem o próximo capítulo de suas vidas como eles gostariam que ela se desdobrasse.", um enfoque mais diretivo do que usei no caso descrito acima. Tais narrativas são a história de uma vida e a história social de vidas entrelaçadas. No contexto de uma terapia reflexiva e colaborativa, cliente e terapeuta tornam-se conscientes de suas posições em narrativas mais amplas, e de suas responsabi-

lidades na criação destas histórias. As histórias escritas na terapia também refletem uma multiplicidade de vozes, um diálogo interno. Em um processo terapêutico participativo, reconstruímos com o cliente o que ele experimenta como histórias fixas, uma história com uma única voz²².

3. *Eu não sei o que vem depois*

Uma jovem de doze anos, prestes a ter seu primeiro bebê, veio para o centro de aconselhamento com sua mãe depois que a agência estadual de proteção à criança indicou aconselhamento. Profissionais da agência ameaçaram a menina de retirá-la de casa se ela fosse vista com seu namorado de dezoito anos que permanecia acusado de estupro estatutário. A mãe relatou que o rapaz tinha um emprego e um carro, o que mais alguém pode querer? As idéias da mãe eram poderosas o bastante para tornarem-se a história dominante na sessão de terapia, embora esta fosse uma história contra-produtiva na conversa com os profissionais da agência. Em ambas as situações, a menina aparecia como um objeto de intervenção de outros. Para combater isto e promover uma instância mais ativa para ela, eu sugeri que escrevesse uma carta para cada participante na situação. O conteúdo e a forma da carta foram definidos por ela, mas eu a ajudei a refletir sobre seu efeito nos leitores. Ela escreveu para sua mãe, seu namorado, para a agência de proteção à criança e para seu filho ainda não nascido. Em cada carta ela pedia 'perdão' e pedia a colaboração das pessoas no futuro. Embora eu não estivesse confortável com a noção de perdão numa situação em que alguém sofreu um abuso, ela sentia que isto faria sentido dentro do contexto cultural e de gênero onde ela se localizava. O

extrato seguinte é da carta que ela escreveu para a agência de proteção à criança:

Estou assustada e não sei como as coisas vão ficar, ou como vão ser solucionadas e eu não sei se escrever para vocês irá ajudar. Eu não sei o que fazer para o melhor, nem sei o que dizer para o terapeuta que vocês querem que me visite. As outras garotas na escola tiveram seus bebês...e a escola deu apoio a elas, mas eu não quero ter mais problemas...Você tem que nos ajudar.

As cartas criaram uma atitude menos defensiva nos outros participantes e proporcionaram um entendimento melhor do papel de cada um como facilitador ou bloqueador de uma mudança. Seguindo-se às cartas os participantes ficaram mais abertos a conversações em que suas agendas seriam levadas em conta à luz da evolução das necessidades da família. A carta da menina para seu filho tornou-se uma carta para ela mesma como uma criança em risco:

De alguma forma estou com medo de como as coisas vão se desenrolar para você. Eu não poderia decepcioná-lo, você tem que ser feliz, não triste, não sozinho, tudo confortável, ninguém fazendo coisas a você, tem que ser diferente.

As cartas foram um convite para que a menina organizasse sua história de uma maneira nova e funcionaram como intervenções pragmáticas para combater o poder bem intencionado, porém disciplinador, de todos os profissionais, incluindo a mim como terapeuta. A carta para sua mãe nunca foi mandada porque a jovem sentia que sua mãe a apoiava e ela ficava constrangida de deixá-la saber o quanto ela era crítica para

com ela. Esta carta, no entanto, tornou-se um importante 'lembrete' dos temas que ela potencialmente poderia abordar com sua mãe no futuro.

É difícil ser sua filha agora. Eu não gostaria de estar no seu lugar, estando zangada e ao mesmo tempo tendo que me amar. Você não gostava dele [o namorado] e agora ele traz algumas vantagens. Nós não conversamos sobre nada ainda, criar esta criança e todo o resto.

As cartas tornaram-se um instrumento para a cliente administrar 'seu próprio caso' e suas palavras tornaram-se constantes 'lembretes' de sua personalidade para os profissionais que geralmente descrevem os clientes na linguagem da patologia e/ou sistemas.

Nestes exemplos, escrever ajudou a redefinir as identidades e relações com contextos mais amplos e a redefinir dilemas complexos no passado ou no presente. Escrever com os clientes convidou-os a uma análise crítica do contexto mais amplo e possibilitou uma resolução dos dilemas com mais potência em um meio com mais apoio, ao invés de representar uma manobra técnica do terapeuta.

ABORDANDO O ESCREVER NA TERAPIA EM UM CONTEXTO DE TREINAMENTO/SUPERVISÃO

Para entrar em um diálogo com treinandos ou supervisandos sobre a relação entre escrever e terapia, eu delinee uma série de perguntas dirigidas a questionar o escrever sobre e para os clientes. O raciocínio que baseia estas perguntas emergiu de conversas com terapeutas em treinamento e su-

pervisão; as perguntas são usadas conforme a necessidade aparece.

1. Abordando o impacto de escrever na prática profissional

As perguntas a seguir introduzem a importância de escrever no processo terapêutico e iluminam a atenção do terapeuta à ligação entre procedimentos escritos e decisões no tratamento. Como sua prática profissional mudaria se você não pudesse fazer anotações durante ou depois das sessões? Como sua prática seria diferente se você tivesse acesso a uma transcrição de cada sessão?

2. Abordando questões sobre empatia, respeito e sobre a relação terapeuta-cliente.

Inicialmente os clínicos podem explorar as dimensões opressivas da documentação de casos e questões de poder, tais como a distância criada entre a experiência vivida e as notas do clínico através do uso de palavras técnicas e abstrações. Se você fosse seu cliente, você gostaria de estar descrito no texto como você representou seu cliente? No caso de uma carta escrita para uma família, como você reagiria se você fosse um membro específico desta família?

3. Abordando a ligação entre práticas institucionais e a sessão terapêutica

As perguntas a seguir abordam o grau em que o cliente participa das decisões do tratamento. Como você descreveria o acesso de seus clientes ao que você escreve sobre eles nos arquivos? Quais são seus pensamentos sobre a participação na documen-

tação e desenho da terapia? Uma forma de questionamento de futuro pode permitir aos terapeutas imaginar cenários possíveis nos quais escrever se torna um processo participativo, e no qual eles se tornam confiantes sobre compartilhar o processo de documentação. Quais seriam as questões na relação terapêutica se a documentação da terapia fosse guardada na casa dos clientes ao invés de na clínica?

4. Abordando limitações institucionais na terapia

Valores institucionais e preferências organizacionais frequentemente limitam as perspectivas que podem tomar e determinar o processo, a duração, os temas e as assumpções que baseiam a terapia. De acordo com isto, para ajudar a expandir os limites impostos em contextos particulares na terapia é importante clarificar o contexto institucional sob o qual os clínicos trabalham no momento de praticar e escrever sobre a terapia. As questões seguintes proporcionam aos clínicos atenção a seu diálogo interno e a quem eles respondem na terapia. Quanto de seus escritos é feito tendo em mente os supervisores, colegas, cliente, companhias de seguro, conselhos editoriais de revistas, etc.? Se você estivesse apresentando o 'caso' no contexto de um artigo ou uma apresentação em uma conferência, qual seria a reação de seus clientes se eles fossem espectadores?

5. Abordando as histórias dos terapeutas e suas conexões com as histórias dos clientes

Existe o potencial para terapeutas e clientes verem a si mesmos como indivíduos que têm uma história e a suas vidas como um

contexto em evolução. **Se você fosse escrever uma novela de sua vida, qual seria o título? Nesta novela, qual(is) capítulo(s) incluiriam seus clientes? Se você fosse perguntar a seus clientes, que capítulos você acha que ocuparia na novela deles? O que você aprendeu deste cliente ou de clientes anteriores? Como você escreveria sobre o que aprendeu com seus clientes?** Achei estas questões muito úteis para encorajar os terapeutas a rever a influência que os clientes têm sobre eles. Ser capaz de mapear o efeito dos clientes sobre o terapeuta é uma tarefa relevante, particularmente quando supervisandos têm que abordar questões de poder no trabalho com sobreviventes de abuso, violência e trauma.

CONCLUSÃO

Escrever pode ter um papel importante em ajudar clientes e terapeutas a incluir múltiplas vozes e diversas posições em suas comunicações. Escrever na terapia sistêmica pode ajudar os clientes a distanciar-se de descrições saturadas pelo problema, mobilizar significados e vozes múltiplas, e facilitar re-contar seus dilemas. Encoraja os clientes a escolher a comunicação escrita como um convite a uma conversa reflexiva ou como uma intervenção direta na busca por mudanças, ou ambos.

Felizmente, estas idéias desafiam a tendência a perceber a missão dos terapeutas como isolada de um compromisso com a justiça social. O movimento de escrever **sobre** e **para** clientes para escrever **com** clientes é um passo para integrar os aspectos colaborativos, reflexivos e liberadores da terapia sistêmica pós-moderna. Esta forma de trabalho não proporciona necessariamente uma solução completa para os dilemas complexos ao abordar a

justiça social na terapia, mas pode contrabalançar procedimentos insensíveis ao compromisso com a parceria terapêutica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Janine Roberts, Patricia Romney, Ann Ferguson, Pilar Hernandez e Shelley Green por suas contribuições a este artigo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 FOUCAULT, M. - (1988a) Truth, power, self: an interview with Michel Foucault. In L. MARTIN, H. GUTMAN E P. HUTTON (eds.) *Technologies of the self*. Amherst, Massachussets: University of Massachussets Press, (pp. 9-15) p.11.
- 2 FOUCAULT, M. (1988 b) Technologies of self. In: L. MARTIN, H. GUTMAN E P. HUTTON (eds.) *Technologies of the self*. Amherst, Massachussets: University of Massachussets Press, (pp. 16-49), p.7.
- 3 CLIFFORD, J. E. MARCUS, G.F. (eds.) (1986) *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley, California: University of California Press.
- 4 ROBERTS, J. (1994) *Tales and transformation: stories in families and family therapy*. New York: Norton.
- 5 WHITE, M. EPSTON, D. (1990) *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton.
- 6 ANDERSON, H. e GOOLISHIAN, H. (1988) Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27, pp. 371-393
- 7 HOFFMAN, L. (1993) *Exchanging voices: a collaborative approach to family therapy*. London: Karnac Books.
- 8 HARE-MUSTIN, R. e TUSHUP, R. (1977) Maintaining a sense of contact with the

- patient during therapists absences. *Journal of Clinical Psychology*, 33 (2), pp. 531-534.
- 9 SELVINI PALAZZOLI, M. ET AL (1978) *Paradox and counterparadox*. New York: Jason Aronson.
- 10 LOWN, N. e BRITTON, B. (1991) Engaging families through the letter writing technique. *Journal of Strategic and Systemic Therapies*, 10 (2), pp. 43-48.
- 11 STREET, E., DOWNEY, J. e BRAZIER, A. (1991) The development of therapeutic consultations in child-focused family work. *Journal of Family Therapy*, 13, pp. 311-334.
- 12 HUDSON, P. e O'HANLON, W. (1991) *Rewriting love stories: brief marital therapy*. New York: Norton.
- 13 NUNNALLY, E. e LIPCHIK, E. (1989) Some uses of writing in solution focused brief therapy. *Journal of Independent Social Work*, 4(2), pp. 5-20.
- 14 ELKAIM, M. (1985) From general laws to singularities. *Family Process*, 24, pp. 151-164.
- 15 WOJCIK, J. e IVERSON, E. (1991) Therapeutic letters: the power of the printed word. *Journal of Strategic and Systemic Therapies*, 8, pp. 77-81.
- 16 KAHN, B. e KAHN, W. (1990) I am the author of books. *Elementary School Guidance and Counseling*, 25(2) pp. 153-157.
- 17 EPSTON, D. (1983) Cheryl-Anne's new autobiography. *Australian Journal of Family Therapy*, 4(4), pp. 259-261.
- 18 RUDES, J. (1992) Interactional letters: a reorganization of a couple's communication. *Journal of Marital and Family Therapy*, 18, pp. 189-192.
- 19 FOX, R. (1983) The past is always present: creative method for capturing the life story. *Clinical Social Work Journal*, 11, pp. 368-378.
- 20 EPSTON, D. (1986) Writing your biography. *Family Therapy Case Studies*, 1(1), pp. 13-18.
- 21 DOEL, M. e LAWSON, B. (1986) Open records: the client's right to partnership. *British Journal of Social Work*, 16, pp. 407-430.
- 22 PENN, P. e FRANKFURT, M. (1994) Creating a participant text: writing, multiple voices, narrative multiplicity. *Family Process*, 33, pp. 217-231.
- 23 WOOD, A. (1985) King Tiger and the roaring tummies: a novel way of helping children and families to change. *Dulwich Centre Review*, pp. 41-49.
- 24 BADDING, N. (1989) Client involvement in case recording. *Social Casework: The Journal of Contemporary Social Work*, 70, pp. 539-548.
- 25 RASMUSSEN, P. e TOMM, K. (1992) Guided letter writing: a long brief therapy method. *Journal of Strategic and Systemic Therapies*, 11(4) pp. 1-18.
- 26 PERRY, R. (1988) Instruments of 'instant' change? A question of timing. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 9(2), pp. 89-94.
- 27 METZGER, D. (1992) *Writing for your life*. San Francisco: Harpe-Collins.
- 28 PARRY, A. (1991) A universe of stories. *Family Process*, 30, pp. 37-54.